

## INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: METODOLOGIAS DE ESCUTA NO COLETIVO

PSYCHOANALYTIC INTERVENTIONS IN PUBLIC SCHOOLS: LISTENING METHODOLOGIES IN THE COLLECTIVE

João Pedro Santana Motta<sup>1</sup>, Nádia Laguardia Lima<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo realiza uma revisão de literatura sobre as metodologias de pesquisa e intervenção de orientação psicanalítica utilizadas em escolas públicas, buscando analisar seus efeitos sobre os sujeitos e o espaço escolar. São realizadas buscas por artigos em dois bancos de dados, SciELO e PePsic, usando os descritores psicanálise e escola. Os resultados são apresentados numa tabela com o nome da metodologia, os conceitos de análise, os efeitos nos sujeitos, os efeitos na escola e os impasses encontrados. O agrupamento dos trabalhos encontrados é nomeado metodologias de escuta no coletivo. O estudo analisa os dados e tece reflexões a partir deles, ressaltando especialmente o tema da adolescência e a importância da oferta de dispositivos de escuta nas instituições escolares. Este trabalho é relevante para investigar as intervenções realizadas em escolas por psicanalistas, principalmente diante da obrigatoriedade da presença de psicólogos na rede pública de educação desde 2019.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Escola; Educação; Adolescência; Intervenção.

### Abstract

This article conducts a literature review on the research and intervention methodologies with psychoanalytic approach used in public schools, aiming to analyze their effects on subjects and the school environment. Searches for articles are conducted in two databases, SciELO and PePsic, using the descriptors psychoanalysis and school. The results are presented in a table with the name of the methodology, the concepts of analysis, the effects on subjects, the effects on the school, and the challenges encountered. The grouping of the works found is named listening methodologies in the collective. The study analyzes the data and reflects on it, especially highlighting the theme of adolescence and the importance of offering listening devices in school institutions. This work is relevant for investigating the interventions carried out in schools by psychoanalysts, particularly in light of the requirement for psychologists' presence in the public education system since 2019.

**Keywords:** Psychoanalysis; School; Education; Adolescence; Intervention.

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: [jpsmotta@gmail.com](mailto:jpsmotta@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Editor-associado:** Hermógenes Siqueira

**Recebido em:** 05/03/2024

**Aceito em:** 05/09/2024

**Publicado em:** 23/12/2024

**Citar:** Motta, J. P. S., & Lima, N. L. (2024). Intervenções psicanalíticas em escolas públicas: Metodologias de escuta no coletivo. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 252-270.



## Introdução

Se, como aponta Freud (1937/2022), acompanhando Kant, educar é um dos três ofícios impossíveis dada a “certeza de antemão do resultado insuficiente” (p. 355), a escola é um local ao qual se verifica o impossível de uma transmissão. Razão para tal é a lógica não toda da educação, na qual “as relações nunca se explicam ou se dão plenamente em razão de trabalharem justamente o descontínuo, o incongruente e o contingente que se encontram no cerne do âmbito social” (Pereira, 2020, p. 48). Por sua vez, o processo educacional brasileiro tem se mostrado cada vez mais incapaz de despertar nos alunos o desejo de saber. As escolas, especialmente as públicas, apresentam-se cada vez mais debilitadas, fragilizadas, em função de uma série de atravessamentos sociais, políticos e econômicos.

No contexto institucional, revelam-se resistências à ordem simbólica comumente provocadas por discursos objetalizantes e segregatórios oriundos do direito e da medicina aos quais a escola adere e reproduz (Rosa, 2020), impactando discentes e docentes. Verifica-se “o desinteresse dos alunos pelo conhecimento escolar” (Lima et. al, 2019b, p. 182), que não se abrem para a aprendizagem, e, por parte dos professores, a perda do desejo de ensinar, resultando em dificuldade ou impedimento da prática docente (Miranda, 2020; Scherer & Carneiro, 2020). Nesta situação, tem-se o mal-estar como expressão da falha do processo educativo. O crescimento dos problemas envolvendo a transmissão pedagógica tem levado as escolas a convocar profissionais de outras áreas, especialmente psicólogos, para intervir junto à equipe escolar (Lisita & Kelles, 2019), na esperança de que eles possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

A presença de psicólogos nas escolas brasileiras não é recente. Embora a profissão tenha sido regulamentada somente em 1962, desde o final do século XIX ideias da Psicologia estadunidense e europeia já eram aplicadas por psicólogos – mesmo que oficialmente não recebessem este nome – em escolas no país (Antunes, 2012). Entretanto, sua atuação nem sempre contribui para a superação de processos de exclusão, patologização e segregação social – como demonstra Antunes (2014), em uma perspectiva histórica, e os outros trabalhos anteriormente citados, em uma visada atual. Faz-se, então, necessário buscar conhecer formas de atuação dos psicólogos em escolas e os seus efeitos sobre os processos de promoção da educação e de enfrentamento dos problemas identificados. Esta investigação é importante já que, a partir da implantação da Lei nº 13.935 (Brasil, 2019), nas redes públicas de educação básica, há o compromisso de se assegurar atendimento psicológico e socioassistencial aos alunos – podendo este material servir de orientação aos profissionais que atuam no campo.

A reflexão realizada neste trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica sobre as práticas dos psicólogos nas escolas públicas. Tendo em vista a diversidade das práticas e de orientações teóricas, selecionamos as práticas orientadas pela psicanálise, em função da nossa formação teórica e da nossa atuação em escolas de Belo Horizonte. Em nossa experiência, realizamos conversações de orientação psicanalítica com adolescentes em escolas públicas. Buscamos ofertar um espaço para a palavra aos sujeitos, visando a abertura para a reflexão e a construção de um

saber. A partir da associação livre coletivizada, sob transferência, apostamos na emergência de uma palavra que faça um enlaçamento simbólico do que resiste à tradução (Lima et al., 2019a). A partir desta experiência e dos seus efeitos subjetivos e educacionais, surgiu o nosso interesse em pesquisar diferentes práticas de orientação psicanalítica em escolas públicas.

### **A metodologia de pesquisa**

Com o objetivo de investigar as metodologias de pesquisa e intervenção de orientação psicanalítica utilizadas em escolas públicas, e os seus efeitos sobre os sujeitos e sobre o espaço escolar, realizamos uma busca por artigos em dois bancos de dados, SciELO e PePsic. A primeira proposta foi a de utilizar os descritores psicanálise, educação, escola, metodologia de pesquisa e intervenção, abrangendo os trabalhos publicados nos últimos cinco anos, visando manter a atualidade das práticas utilizadas.

No entanto, esta busca, primeiramente realizada na plataforma SciELO, não nos forneceu resultados, sendo necessários ajustes para que pudéssemos encontrar as produções de interesse. Neste sentido, o termo metodologia de pesquisa e intervenção foi substituído por pesquisa-intervenção, o que gerou 5 resultados. Em uma escala de 10 anos, encontramos 7 resultados. A extensão do período de busca demonstrou-se justificada pelo período pandêmico vivenciado, que parece ter dificultado a pesquisa e intervenção em escolas públicas, mas não impossibilitado. Dessa forma, os anos incluídos em nossa revisão são 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. Considerando a necessidade de se obter um espectro mais amplo de produções, suprimimos o descritor relacionado à pesquisa e intervenção, que, mesmo teoricamente presente nos trabalhos, frequentemente não é explicitamente nomeado. Com isso, a plataforma SciELO nos ofereceu 14 resultados nos últimos 5 anos e 23 nos últimos 10. Ainda buscando ampliar a busca, suprimimos o descritor educação – mantendo somente psicanálise e escola –, o que gerou 34 resultados nos últimos 5 anos e 54 nos últimos 10.

Estamos cientes de que esta operação acaba por eliminar recortes importantes da pesquisa e os resultados a serem obtidos foram mais difusos – incluindo produções relacionadas as Escolas de Psicanálise ou clínicas-escola em universidades –, necessitando de análise mais cuidadosa por parte dos pesquisadores para que se mantivesse a seleção das produções de interesse. A esperança era de que, tomando uma amostra mais ampla e reduzindo-a manualmente, poderíamos obter mais artigos que se encaixam na proposta da pesquisa, mas que não aparecem quando se tem como apoio somente a seleção do algoritmo das plataformas citadas.

Nossa aposta obteve resultados, uma vez que, dentro de uma pesquisa com três descritores, teríamos somente 7 artigos com os quais trabalhar, e a partir da nossa adaptação, 14 artigos da plataforma SciELO mostraram-se adequados. A busca no PePsic foi feita após o esforço já relatado e seguiu o mesmo método – usando somente dos descritores (psicanálise e escola) e realizando uma seleção manual mais extensa –, sendo encontrados 26 artigos que foram reduzidos a 5 que se encaixam no recorte de nossa pesquisa. Sendo assim, obtivemos, ao total, nas duas plataformas, 19 artigos que apresentavam metodologias de pesquisa e intervenção de orientação psicanalítica utilizadas em escolas públicas, descrevendo os seus efeitos sobre os sujeitos e o

processo educativo. Não incluímos na pesquisa intervenções realizadas em escolas privadas ou fora do Brasil, ou ainda que não possuem orientação psicanalítica evidente.

A partir dos 19 artigos que se encaixam em nossa proposta de pesquisa, realizamos uma divisão das metodologias utilizadas segundo quatro categorias principais: metodologias coletivas (8), metodologias coletivas com outros recursos além da palavra (4), estudos de caso (4) e metodologias individuais (3). Entretanto, embora todos estes trabalhos apresentem metodologias orientadas pela psicanálise, percebemos, em uma segunda revisão, que as duas últimas categorias não apresentam caráter de intervenção, o que colocamos como critério para a seleção das práticas a serem analisadas. Os estudos de caso (Rocha, 2020; Archangelo et al., 2021; Silva et al., 2021; Silva Júnior et al., 2021) destacam principalmente o acompanhamento realizado com um aluno dentro de uma escola e promovem uma reflexão teórica referente ao caso. Já as metodologias individuais (Costa & Medeiros, 2018; Costa et al., 2021; Ferraz, 2021) são artigos que tratam do fazer do psicólogo-psicanalista no cotidiano escolar.

Apesar dos estudos de caso e das metodologias individuais serem relevantes, esses trabalhos não se encontram no escopo de nossa pesquisa pela ausência de uma intervenção explícita. Assim, decidimos seguir com os 8 artigos de metodologias coletivas que fazem uso preferencial da palavra e com aqueles 4 que usam outros recursos além da palavra. De forma a agrupar esses 12 trabalhos, elegemos o nome “metodologias de escuta no coletivo”. Desse modo, apresentaremos os resumos dos artigos e uma tabela esquemática, e em seguida, uma análise dos dados obtidos.

## **Apresentação dos artigos**

1. *Considerações sobre os afetos e violências no espaço escolar: conversações com professores* (Arreguy & Coutinho, 2015)

O artigo propõe uma reflexão teórica a partir da oferta de espaços de conversação a professores, uma vez por mês, totalizando 10 encontros, com participação voluntária e com média de 15 presentes. Os autores destacam dois riscos da intervenção: o primeiro, relacionado à contratransferência, pelo fato das pesquisadoras serem também professoras; e o segundo, à atuação pedagógica, ao trazer ideias da psicanálise e das ciências sociais, exatamente a demanda da instituição e de alguns professores.

Os pressupostos teóricos da metodologia encontram-se no dispositivo de conversação formalizado por Miller, sustentada por conceitos psicanalíticos da clínica freudiana, como a associação livre e a transferência, e a noção freudiana de mal-estar na civilização. As autoras destacam o estabelecimento de uma associação livre coletivizada, mas com a presença de certo medo de falar, devido à presença de possíveis olheiros no grupo.

Quanto aos efeitos sobre os professores, a acolhida do mal-estar docente permitiu um deslocamento da posição de queixa e impotência para a articulação de novas vias de atuação, ampliando as possibilidades do fazer educativo. A conversação propiciou o surgimento de saídas próprias frente aos problemas enfrentados, e a circulação de novas produções discursivas dentro da escola, fazendo emergir o desejo de ensinar.

## *2. Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares* (Lima et al., 2015a)

O artigo apresenta uma reflexão teórica sobre a metodologia de conversação. A partir da demanda de uma escola por atendimento individual de um número elevado de estudantes, foi proposta uma conversação de orientação psicanalítica com professores, com o objetivo de buscar a responsabilização daqueles envolvidos no processo de educação. Foram realizados 16 encontros com dois grupos de professores (manhã e tarde), quinzenalmente, durante um ano. Destaca-se que o grupo da tarde teve participação inferior ao da manhã, o que se atribuiu à presença de uma supervisora da escola no grupo.

O texto descreve a metodologia de conversação como apoiada pela ética do desejo e da responsabilização. Seu pressuposto é possibilitar a circulação da palavra, em uma associação livre coletivizada, localizando os pontos de mal-estar e promovendo a desidentificação dos sujeitos aos significantes vindos do discurso do Outro. A conversação visa a nomeação do mal-estar, tocando em algo do real do sujeito, promovendo a produção de um saber próprio a cada um. O material foi analisado pela teoria dos discursos e pelo tempo lógico de Lacan.

Sobre os efeitos sobre o sujeito, destaca-se a passagem das queixas e impotências para uma implicação no processo educativo, reconhecendo a impossibilidade inerente ao educar. Esse movimento propiciou o compartilhamento de soluções próprias que, em alguns casos, tornaram-se propostas coletivas dentro da escola – como a criação de novos espaços de fala.

## *3. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola* (Lima et al., 2015b)

O artigo apresenta uma reflexão sobre a metodologia de conversação. Os pesquisadores foram demandados por uma escola pública que estava às voltas com os “problemas do uso excessivo e inadequado das redes sociais da internet pelos adolescentes” (Lima et al., 2015b, p. 422). Foram organizados, com os alunos, grupos de conversação de orientação psicanalítica lacaniana, apoiados pela ética do desejo e da responsabilização. Os participantes de cada grupo foram determinados pela escola – não obstante, cada adolescente foi convidado a participar e poderia mudar de grupo se assim desejasse.

Os autores ressaltam que a conversação opera pela escuta do inconsciente, de forma que aquele que conduz coloca-se em uma posição de não saber, fazendo com que o outro fale e permita a localização do ponto de impasse e de mal-estar do sujeito, revelando algo da sua relação com o Outro e com seu modo de gozo por meio dos significantes privilegiados no discurso. Para tal, destaca-se o papel da transferência e da associação livre coletivizada.

São apontados os efeitos em cada um dos quatro grupos formados. No primeiro, passa-se da imagem à palavra: desinvestindo as imagens das redes sociais e valorando a palavra, constatou-se uma diminuição da angústia causada pelo real da puberdade. No segundo, passa-se do discurso do Outro para a posição de falar em nome próprio: o tratamento das próprias questões, como a adolescência e a sexualidade. No terceiro, passa-se do ato à palavra: desidentificando-se do significante maluco, os adolescentes puderam iniciar um tratamento

simbólico do real da puberdade. No quarto, passa-se da segregação à aceitação da diferença: inclui-se um integrante do grupo suportando sua diferença e seu modo de gozo.

*4. Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares* (Poli & Faissol, 2016)

O artigo aborda dois projetos organizados em uma escola pública federal no Rio de Janeiro: Refazer e Múltiplas Vozes, ambos construídos junto com a equipe escolar. O projeto Refazer tem como objetivo apoiar os alunos que estão refazendo séries e também suas famílias neste momento. Foram realizados 10 encontros nos quais foram empregadas diferentes dinâmicas de grupo que envolviam diversos tipos de arte. Por meio do contato com expressões artísticas, buscou-se permitir uma abertura sublimatória, capaz de apaziguar a angústia e de "(re)estabelecer a significação do processo escolar" (Poli & Faissol, 2016, p. 837).

No projeto Múltiplas Vozes, foram utilizados textos que serviram de gatilho para as discussões. A partir do encontro entre os modos de expressão dos jovens e o aspecto poético dos textos, os adolescentes construíram uma interface entre esses dois mundos. Os participantes produziram reflexões – de variadas formas, como fala, escrita e dramatização –, que possibilitaram a percepção das “vozes” que os atravessavam e lhes permitiram o reconhecimento identificatório e a apropriação simbólica.

Como chave de leitura, as autoras utilizaram a concepção de adolescência como um momento de passagem do mundo infantil ao adulto, no qual o sujeito deve ir além da metáfora paterna e validar sua inscrição no campo do Outro. Para isso, as autoras fazem a apostila na arte, na fantasia e na sublimação, como facilitadores desta travessia, frente ao empobrecimento de ritos de passagem.

Os efeitos relatados são novas identificações e o tratamento da angústia por meio da apropriação simbólica das expressões artísticas. No processo educativo, destacaram a diminuição da evasão escolar e uma melhor aceitação, por parte dos jovens e dos familiares, de refazer a série, e uma aproximação do conteúdo transmitido na escola da vivência adolescente.

*5. Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar* (Musatti-Braga & Rosa, 2018)

O texto aborda um dispositivo de intervenção utilizado: Grupos de Conversa, de frequência semanal, durante o horário das aulas, com a participação voluntária de adolescentes de 14 a 16 anos, durante um ano e meio. A pedido dos participantes, o grupo se constituiu apenas por rapazes, “considerados pelos educadores como indisciplinados, violentos e descompromissados” (Musatti-Braga & Rosa, 2018, p. 3), mas que sustentaram o compromisso e ocuparam o espaço do grupo. O artigo aborda os efeitos produzidos nos sujeitos adolescentes pela circulação da palavra, que permitiu a construção de sentidos, nomeações e reconhecimentos que não passavam pelo discurso da escola, mas pela perspectiva individual e pela troca coletiva. Assim, foi possível a desidentificação aos significantes advindos da escola, que os mantinham no lugar de resto no discurso social.

*6. O Enlace entre Psicanálise, Educação, Cinema e a Experiência Adolescentes* (Gurski et al., 2019)

O artigo propõe uma reflexão sobre um projeto realizado em uma escola pública de Porto Alegre, semanalmente, com a duração de 6 meses, o Cine na Escola. Trata-se de uma metodologia que conjuga sessões

de cinema com a abertura de espaços de circulação da palavra, que surge da recusa do cinema como instrumento didático e utilitário, concebido como reproduutor de uma verdade rígida, para pensá-lo como facilitador de apropriação e identificação dos adolescentes para com as narrativas apresentadas. O projeto visa a criação a partir do, e no, encontro “entre os jovens, as narrativas imagéticas e a escuta das pesquisadoras” (Gurski et al., 2019, p. 2), realizada em transferência com a atenção flutuante. Para a análise do material, utiliza dois conceitos principais: o de profanação, de acordo com Agamben, e o de experiência, em Benjamin. Apostando em um cinema como um Outro não-todo, buscam sair do caráter representativo da imagem, de forma que algo novo, da experiência, surja, profanando os sentidos estabelecidos.

Como efeitos desse projeto, destacam que os adolescentes podem produzir sentidos próprios e variados, que incidem em sua relação com a palavra, possibilitando que adensem a experiência, que só pode ser construída de forma coletiva, na passagem adolescente, qualificando-os como sujeitos. Quanto aos efeitos no processo educativo, são apontados giros e movimentos que realizam a profanação do lugar da escola, dando-lhe um uso diferente do usual e permeado pela experiência adolescente.

#### *7. Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública (Jucá, 2020)*

O artigo apresenta uma reflexão baseada na realização de um grupo de conversação com adolescentes em uma escola pública de Fortaleza. A proposta surge da preocupação dos educadores com a saúde mental dos alunos, em função das manifestações de sofrimento psíquico em adolescentes do ensino médio. A conversação ocorreu em seis encontros, no contraturno das aulas, com sete participantes, inscritos voluntariamente.

A autora destaca o predomínio do tema “depois da formatura” (Jucá, 2020, p. 396), ao que ela atribui à sua apresentação como pesquisadora em uma universidade. A autora destaca o grupo de conversação enquanto um espaço de fala, talvez o único, em que os adolescentes podem se ocupar do futuro, de suas preocupações e desejos relacionados a ele, que estão diretamente ligados ao mal-estar e ao trabalho psíquico intenso característicos da adolescência. Como principal efeito da conversação, destaca que os adolescentes puderam “falar sobre si como um outro modo de lidar com o mal-estar” (Jucá, 2020, p. 396). É produzido um saber, que parte das construções singulares sobre suas adolescências, que envolvem a separação da autoridade dos pais e a interpretação do desejo do Outro. Saber que é singular, na medida em que é de cada um, mas tem sua construção coletiva no dispositivo da conversação.

#### *8. Redução da Idade de Responsabilidade Criminal na Perspectiva de Adolescentes (Martins et al., 2021)*

O artigo apresenta uma discussão sobre rodas de conversa realizadas com adolescentes. Foram realizadas duas rodas de conversa, cada uma com 50 minutos, em uma escola pública, sobre a proposta de redução da maioridade penal, de 18 para 16 anos. Cada roda de conversa foi realizada com um grupo diferente de adolescentes. Além disso, foram realizadas entrevistas com adolescentes cumprindo medida socioeducativa, mas não discutiremos esta parte do estudo por estar fora do nosso recorte e por entendermos que o Sistema Socioeducativo possui particularidades importantes.

As rodas de conversa se orientavam por perguntas norteadoras e documentadas por dois observadores. O principal efeito narrado foi a elaboração de posições

subjetivas, não só sobre a questão de início, mas também sobre os próprios impasses vividos na adolescência e no laço social. O debate entre pares e a sustentação da dúvida pela parte dos mediadores “possibilitou a construção de conhecimento conjunto” (Martins et al, 2021, p. 13) entre os adolescentes que se colocaram como “autores, tanto de suas próprias histórias quantos das histórias sociais que são construídas cotidianamente” (Martins et al, 2021, p. 14).

*9. Adolescentes, Professores e Psicanalistas: uma intervenção clínicopolítica* (Primo et al., 2021)

O texto trata de uma metodologia nomeada como grupo de conversa. Foi ofertado um grupo de conversa semanal durante um ano para adolescentes de uma escola em São Paulo, a partir de uma proposta construída em diálogo com a coordenação da escola. O objetivo da proposta foi o de fazer circular o saber dos adolescentes. Ao final do trabalho com os adolescentes, foi dado um retorno à escola através de uma reunião com os professores, para escutar situações conflitivas vividas pelos professores.

O trabalho foi analisado em três tempos, em alusão aos tempos lógicos lacanianos. O instante de ver que envolve a apresentação das psicanalistas para a escola e para os adolescentes, o tempo de compreender que diz respeito à construção do grupo de conversa, e o momento de concluir, que abrem possibilidades para que os professores construam saídas junto aos estudantes.

A intervenção promove a abertura para as questões adolescentes visando a produção de um saber não todo. Trata-se de uma construção singular adolescente, mas também da inserção em um laço discursivo, compartilhando a história de seu tempo.

*10. A Juventude En-Cena na Escola: a educação no encontro com a cidade* (Rocha & Lima, 2021)

O texto apresenta uma reflexão sobre uma oficina de fotografias, realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de educação profissional no Ceará. Participaram 12 adolescentes, entre 14 e 18 anos, selecionados por sorteio após inscrições, em 12 encontros quinzenais. A intervenção consistiu em três momentos: no primeiro, preparatório, trabalhou-se com a história da fotografia, seu potencial subversivo e orientações técnicas para fotografar com celulares; no segundo, momento de inspiração, foi feita uma visita ao Museu de Fotografia de Fortaleza e a criação de um perfil no *Instagram* para acessar a produção de outros artistas e também para compartilhamento das fotos feitas pelos adolescentes; no terceiro, foi dada a orientação para que fotografassem instantes do cotidiano que lhes chamassem a atenção, sobre o que cada um falava em rodas do grupo, visando a circulação da palavra. Ao final, os jovens selecionaram produções para uma exposição na escola. A análise da transcrição dos encontros e dos registros realizados se deu pela teoria dos discursos de Lacan. Segundo os autores, o uso da fotografia como criação levou à “construção de narrativas que levavam em conta a dimensão da alteridade” (Rocha & Lima, 2021, p. 18) a partir das trocas do grupo. Essa atividade criadora também permitiu que os sujeitos fizessem laço com o espaço da cidade, através de um movimento de significação das imagens que apontasse na direção do próprio desejo – uma metáfora da operação adolescente. Saindo do saber genérico do discurso universitário, de reprodução dentro da escola, os adolescentes passaram a uma posição histérica, questionadora, conduzindo-se a uma nova posição frente ao saber.

*11. Psicologia escolar e automutilação na adolescência: relato de uma intervenção* (Santos et al., 2021)

O artigo aborda a metodologia oficina “pensar e agir em cena”, pensada a partir da escuta de adolescentes, decorrente da demanda da orientadora escolar de uma escola no Distrito Federal, devido a casos de automutilação. Participaram 15 adolescentes indicados por apresentarem queixas de automutilação, em oito encontros. Descreve-se a seguinte metodologia: em um primeiro momento, apresentam-se os estudantes e os condutores dos encontros; em seguida, os condutores fazem perguntas sobre os conflitos e impasses na adolescência dos estudantes, o que suscita a apresentação de situações e experiências conflituosas; então, escolhe-se uma das situações e os adolescentes são convidados a encená-la, sendo que aqueles que assistem podem interromper a cena e realizar sugestões; e, por fim, abre-se para a conversa sobre a encenação e as questões envolvidas. Os dois últimos encontros funcionaram como ensaio para uma apresentação para os outros estudantes da escola – o que não estava previsto na metodologia, mas foi incorporado a pedido dos participantes. Os efeitos apresentados estão relacionados à escuta dos jovens e à encenação teatral. Trata-se de uma reflexão coletiva que propicia construções também coletivas para lidar com o sofrimento, passando do ódio, do desejo de destruição e da morte, para uma lida com a dor que não seja pela via física, mas sim pela ação e pela palavra. Pensa-se também no alargamento dos discursos dos adolescentes por meio dessa construção e pelo compartilhamento dela na forma da apresentação final.

*12. Diagnóstico Ético-Político (DEP): um dos modos de diagnosticar as singularidades nas práticas coletivas*  
(Souza & Archangelo, 2022)

Trata-se de um Diagnóstico Ético-Político (DEP), uma estratégia diagnóstica de acontecimentos sociais – pensando estes enquanto momentos em que uma ordem anterior é abalada e o real irrompe – a qual busca acolher os sujeitos estabelecendo um laço de continuidade que lhes possibilite reescrever sua história. A partir da transferência e da escuta, “o DEP delimita a territorialidade do acontecimento, os agentes públicos e/ou privados que nele atuam, os atores partícipes e os discursos que ali circulam” (Souza & Archangelo, 2022, p. 54) como forma de investigar o sujeito inconsciente. A intervenção narrada no artigo foi realizada com professoras que se voluntariaram, durante o período da pandemia, de forma virtual e quinzenal durante nove meses. Ela se organiza em três tempos, seguindo o conceito de tempo lógico lacaniano. No instante de ver, elaboram-se perguntas norteadoras, estabelece-se a transferência e realizam-se observações, conversas informais e entrevistas com a comunidade escolar, permitindo que algo emerja de forma não esperada. No tempo de compreender, delineia-se e analisa-se o acontecimento social a partir do inesperado do instante de ver, identificando posições e funções dentro do acontecimento. No tempo de concluir, há a constituição de um discurso alternativo por meio da lida criativa com aquilo que antes era invasivo e a responsabilização por sua nova posição.

O efeito principal apresentado é a fala de cada sujeito “a partir de diferentes lugares, de processos de subjetivação próprios” (Souza & Archangelo, 2022, p. 58), referindo-se a uma vivência complexa comum, a pandemia e seus desdobramentos.

**Tabela 1.** Apresentação dos Artigos com Metodologias de Escuta no Coletivo

Título	Metodologia	Conceitos de Análise	Efeitos nos sujeitos	Efeitos na escola	Impasses
<i>Considerações sobre os afetos e violências no espaço escolar: conversações com professores</i> (Arreguy & Coutinho, 2015)	Espaços de conversação.	Dispositivo de conversação elaborado por Miller. Conceitos psicanalíticos da clínica freudiana: associação livre e transferência. Noção freudiana de mal-estar na civilização.	Deslocamento da queixa e impotência para a articulação de novas vias de atuação, ampliando as possibilidades do fazer educativo. Emergência do desejo de ensinar.	Não são descritos.	Demanda por atividade de orientação, sendo necessário fazer concessões e modificações no projeto inicial. Dificuldades de intervir junto aos professores por também serem professoras.
<i>Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares</i> (Lima et al., 2015a)	Conversação de orientação psicanalítica lacaniana, apoiada pela ética do desejo e da responsabilização.	Três tempos lógicos e teoria dos discursos de Lacan.	Passagem da impotência frente às demandas ao reconhecimento da impossibilidade inerente ao educar. Compartilhamento de saídas próprias e emergência da diferença no espaço coletivo.	Criação de novos espaços para a palavra dentro da instituição.	Participação de uma supervisora em um dos grupos de conversação, assumindo a posição de liderança dentro do grupo e provocando a resistência dos professores.
<i>Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola</i> (Lima et al., 2015b)	Conversação de orientação psicanalítica lacaniana, apoiada pela ética do desejo e da responsabilização.	Transferência e associação livre coletivizada. Escuta a partir da posição de não saber e localização dos impasses dos sujeitos na relação com o Outro.	Desidentificação com os significantes do Outro. Tratamento simbólico do real da puberdade. Emergência das diferenças e sua aceitação contra a segregação.	Não são descritos.	Grupos organizados pela escola a partir de significantes que identificavam os estudantes. No entanto, os adolescentes foram convidados a participar e tiveram a liberdade de aceitar, recusar ou mudar de grupo.
<i>Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares</i> (Poli & Faissol, 2016)	Refazer e Múltiplas Vozes.	Noção de adolescência como passagem da metáfora paterna ao campo do Outro. Inscrição no laço social por meio da arte, da fantasia e da sublimação.	Tratamento da angústia. Desidentificações por meio da apropriação simbólica das expressões artísticas. Sublimação e inscrição no laço social.	Diminuição da evasão escolar. Aproximação do conteúdo transmitido pela escola com a vivência adolescente.	Não são descritos.
<i>Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição</i>	Grupos de Conversa.	Conceito de repetição da teoria freudiana e a concepção de sujeito no laço social.	Construção de novos sentidos, nomeações e identificações que não passam pelo discurso da	Abertura para novas pesquisas e intervenções	Não são descritos.

Título	Metodologia	Conceitos de Análise	Efeitos nos sujeitos	Efeitos na escola	Impasses
<i>em uma comunidade escolar</i> (Musatti-Braga & Rosa, 2018)			escola.	junto à comunidade escolar.	
<i>O Enlace entre Psicanálise, Educação, Cinema e a Experiência Adolescentes</i> (Gurski et al., 2019)	Cine na Escola.	Conceito de profanação em Agamben, conceito de experiência em Benjamin e a noção de não-todo em Lacan.	A partir da polissemia das cenas, os adolescentes falam de forma coletiva, produzindo sentidos próprios que incidem em sua relação com a palavra e adensam a experiência na passagem adolescente.	Apropriação do espaço escolar pelos adolescentes.	Não são descritos.
<i>Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública</i> (Jucá, 2020)	Grupo de conversação.	Noção de adolescência como um tempo de passagem de um lugar no desejo dos pais para um lugar no campo do Outro.	As adolescentes falaram sobre o futuro, sobre seus dilemas, incertezas e inseguranças, e também sobre seus desejos, construindo um saber singular frente ao mal-estar.	Não são descritos.	Não são descritos.
<i>Redução da Idade de Responsabilidade Criminal na Perspectiva de Adolescentes</i> (Martins et al., 2021)	Rodas de conversa com perguntas norteadoras.	Noção freudiana de mal-estar na civilização. Conceito freudiano de pulsão.	Elaboração de posições subjetivas frente à questão da diminuição da maioridade penal, e também frente às próprias vivências e ao laço social.	Não são descritos.	Não puderam realizar rodas de conversa no Sistema Socioeducativo. Não descreve impasses no espaço escolar.
<i>Adolescentes, Professores e Psicanalistas: uma intervenção clínicopolítica</i> (Primo et al., 2021)	Grupo de conversa.	Tempo lógico lacaniano: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.	Elaboração das questões emergentes no grupo de maneira singular. Inserção no laço discursivo escolar, a partir de suas narrativas.	O saber construído pelos adolescentes foi incorporado pela escola.	A participação de alguns adolescentes não se deu de forma voluntária, mas por convocação dos professores.
<i>A Juventude En-Cena na Escola: a educação no encontro com a cidade</i> (Rocha & Lima, 2021)	Dispositivo grupal no formato de uma oficina de fotografias chamado “em Cena”.	Teoria dos discursos de Lacan.	Construção de narrativas que permitem o tratamento da alteridade e o laço com a cidade, marcado pelo desejo do adolescente.	Não são descritos.	Não são descritos.

Título	Metodologia	Conceitos de Análise	Efeitos nos sujeitos	Efeitos na escola	Impasses
<i>Psicologia escolar e automutilação na adolescência: relato de uma intervenção</i> (Santos et al., 2021)	Oficina “pensar e agir em cena”.	Não trabalham com conceitos psicanalíticos, mas se inspiram em autores que analisam a psicanálise e a educação no contemporâneo.	Construção de maneiras coletivas de lidar com o sofrimento que não passam pela dor física, mas pela ação e pela palavra.	Apresentação teatral para outros estudantes, compartilhando a construção coletiva.	Não são descritos.
<i>Diagnóstico Ético-Político (DEP): um dos modos de diagnosticar as singularidades nas práticas coletivas</i> (Souza & Archangelo, 2022)	Diagnóstico Ético-Político (DEP).	Tempo lógico lacaniano: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.	Elaboração de uma vivência complexa comum, a pandemia e seus desdobramentos, de forma coletiva e singular.	Não são descritos.	O DEP, por introduzir reflexões sobre as instituições, pode desagradar aqueles que as representam.

## **Uma leitura da tabela**

Os dispositivos de escuta ofertados na escola recebem diferentes nomeações, mas têm em comum a importância dada à escuta e à circulação da palavra, como é possível observar nos significantes que nomeiam a maioria das metodologias: conversação, conversa e vozes. Destacam-se também os significantes grupo, roda e espaço, que apontam para a presença de um lugar compartilhado para a escuta dos sujeitos.

Os principais conceitos teóricos trabalhados nos artigos provêm da clínica psicanalítica freudiana, com destaque para a transferência, a associação livre, a pulsão e a repetição. Fazem-se igualmente presentes os conceitos lacanianos de tempo lógico, a teoria dos discursos, laço social e não-todo. A adolescência foi um tema privilegiado nos artigos, destacando a noção de adolescência trabalhada por Freud e Lacan. Como autores de outros campos do saber que contribuem para o diálogo com a psicanálise, foram citados Agamben e Benjamin.

A palavra assume um lugar de destaque nas metodologias, mas alguns artigos abordam a utilização de outros recursos nas intervenções, como a arte, textos poéticos, cinema, fotografia e encenação teatral. Nos três últimos, as metodologias são nomeadas com alusões às artes que utilizam.

O Diagnóstico Ético-Político (Souza & Archangelo, 2022) é definido como uma “estratégia diagnóstica” (p. 53) que, embora possa ser aplicada como intervenção em escolas, não é pensada exclusivamente para esse tipo de instituição – motivo pelo qual supomos a diferença no nome. Além disso, vale notar que este trabalho é o único realizado de forma virtual, devido às normas de distanciamento impostas pela pandemia. Este fato corrobora nossa ideia de que o período pandêmico dificultou a realização de intervenções em escolas. No caso das metodologias de escuta no coletivo, a situação não parece ter sido diferente, embora possamos apontar o trabalho de Souza & Archangelo (2022) como um daqueles que manteve a aposta na palavra mesmo com as dificuldades colocadas.

Quanto aos participantes nas intervenções, nove delas são realizadas com adolescentes, estudantes das escolas onde ocorrem, e três com professores. No primeiro grupo, apenas dois artigos relatam impasses dentro da escola: a convocação compulsória por parte de professores e coordenadores de determinados alunos para participar dos grupos de conversa. No trabalho de Lima et al. (2015b), entretanto, foi possível responder à imposição a partir do convite dos pesquisadores aos estudantes para a participação, que poderia ser aceita, negada, ou poderiam mudar de grupo. As três intervenções com professores relatam impasses e estes se relacionam principalmente com conflitos institucionais ou com pessoas que a representam. Eles passam por desacordos na proposta de intervenção (Arreguy & Coutinho, 2015), por incômodos pelas reflexões surgidas no grupo (Souza & Archangelo, 2022) e até mesmo pela resistência dos professores causada pela presença de uma supervisora assumindo uma posição de liderança nas conversações (Lima et al., 2015a). Outro tipo de impasse relatado é referente à contratransferência experimentada pelas pesquisadoras por também serem professoras (Arreguy & Coutinho, 2015).

Todos os artigos selecionados descrevem efeitos nos sujeitos. No caso de intervenções com adolescentes, os efeitos mais frequentemente mencionados são o tratamento simbólico do real da puberdade e da alteridade; a

desidentificação com significantes provenientes da escola, a construção de um saber singular e a inscrição no laço social. Sobre o primeiro desses efeitos, destacamos a passagem da expressão do sofrimento pela automutilação a um tratamento por meio da encenação e da palavra (Santos et al., 2021) e a emergência de diferentes narrativas e impressões sobre fotos tiradas e compartilhadas em grupo (Rocha & Lima, 2021). Já sobre o segundo, ressaltamos o papel da arte como espaço para processos identificatórios e apropriação simbólica que faz laço social (Poli & Faissol, 2016) e a possibilidade de se ocupar de um futuro incerto, mas singular, em Jucá (2020). Quanto aos efeitos nos sujeitos-professores, o mais frequente (Arreguy & Coutinho, 2015; Lima et al., 2015a) foi o deslocamento da posição de queixa e de impotência para a articulação de novas vias do fazer educativo, a partir do compartilhamento de saídas próprias por parte dos docentes.

Os efeitos das intervenções no espaço escolar são relatados em metade dos artigos. Eles são diversos, indo da abertura de novos espaços para a palavra na escola e para investigações futuras (Lima et al., 2015a; Musatti-Braga & Rosa, 2018) ao compartilhamento e incorporação do saber adolescente na escola (Primo et al., 2021; Santos et al., 2021), passando pela apropriação do conteúdo e do espaço escolar pelos estudantes, resultando na diminuição da evasão escolar (Poli & Faissol, 2016; Gurski et al., 2019).

## Análise

A pesquisa realizada apontou que as metodologias de escuta no coletivo recebem diferentes nomeações e fazem uso de diferentes estratégias de intervenção. No entanto, independentemente dessas particularidades, há uma ética em comum, orientada pelo desejo e pela singularidade. Gurski & Strzykalski (2018) situam a ética psicanalítica como uma posição a partir da qual o analista deve operar, a qual está intrinsecamente atrelada ao desejo do analista, que é “desejo de que o outro deseje” (p. 83). O analista deve suportar a transferência, permitindo-se ser colocado em posição de suposto saber pelo sujeito. Nesta cadeia significante inconsciente que é o discurso, o sujeito acaba por deparar-se com sua falta, algo neste discurso que manca. Ao convocar o analista para tamponar esta falta, este “promove um giro discursivo, colocando-se no lugar de causa” (Lima et al., 2015a, p. 1111). O sujeito é colocado em posição de produzir um saber singular sobre si e sobre seu mal-estar. Essa construção de saber, propiciada pela posição de não saber ocupada pelo analista no discurso, está presente em todas as intervenções apresentadas.

A presença do psicanalista nas escolas não se dá sem impasses. A oferta de espaços para a escuta e a palavra nas escolas pode esbarrar em diferentes obstáculos, resistências ou impasses. Nas intervenções com adolescentes, a convocação obrigatória de alunos e a formação de grupos pré-determinados pela escola, pode favorecer a identificação dos alunos com os significantes vindos da escola, que ditam a posição desses sujeitos no espaço escolar. Vistos como subversivos, desviantes (Primo et al., 2021) ou malucos (Lima et al., 2015b), eles podem se identificar com estes significantes do Outro, respondendo deste lugar. Na atualidade, são comuns os significantes originados do discurso médico-pedagógico que, por meio de diagnósticos e prescrições, submete os

sujeitos a um saber que lhes é alheio, propiciam uma desimplicação subjetiva, impedindo que o próprio adolescente fale sobre o seu mal-estar.

Com os professores, os obstáculos ao trabalho orientado pela psicanálise podem se dar na proposta da intervenção (Arreguy & Coutinho, 2015). Frequentemente, a escola não considera a escuta dos professores como algo importante, mas sim a formação continuada, muitas vezes exercida de forma protocolar e ortopédica, reforçada pelo discurso médico-pedagógico. Como resultado dessas determinações, encontramos professores em posição de queixa e impotência (Arreguy & Coutinho, 2015; Lima et al., 2015a) que, desautorizados em seu saber, não manifestam o desejo de ensinar. Mesmo quando a escuta analítica opera, propiciando a retomada e a construção do saber pelos sujeitos, os impasses continuam, como a ameaça relacionada à presença da supervisora na conversação (Lima et al., 2015a), ou mesmo o desagrado com o trabalho realizado na instituição (Souza & Archangelo, 2022).

Outro aspecto importante que diz respeito à postura do pesquisador-analista é o de criar as condições necessárias para que a associação livre se dê. Este ponto, presente em todos os trabalhos, mais ou menos desenvolvido em cada um, visa possibilitar que os sujeitos falem de seu mal-estar, produzindo uma multiplicidade de significantes, que não estão sob o controle do pesquisador. Porém, trata-se aqui de dispositivos que têm lugar no coletivo, sendo a associação livre, portanto, coletivizada. O pesquisador, que não sabe o que surgirá, deve garantir que a palavra circule no grupo e que aqueles que possuem o desejo de falar o façam – tarefa que exige o corte, através do limite temporal dos encontros e das intervenções na cadeia discursiva, como apontado em Lima et al. (2015a).

É interessante notar o predomínio do tema adolescência, trazido, de uma forma ou de outra, por todos os artigos que abordavam intervenções com os estudantes. Em primeiro lugar, destaca-se a demanda das escolas para intervir junto aos adolescentes, vistos pelos educadores como aqueles que desafiam o projeto educacional. Por outro lado, na escuta dos adolescentes, chama a atenção a presença do tema da adolescência que surge espontaneamente em suas falas. Mesmo nos casos em que se visava abordar temas específicos, como a redução da maioridade penal, a violência ou o uso das tecnologias digitais, os adolescentes querem falar sobre as mudanças que acontecem em seus corpos, sobre a sexualidade e os laços sociais, encontrando nos dispositivos de escuta do coletivo um lugar em que se sentiam à vontade para fazê-lo.

### **Considerações Finais**

Como conclusão, gostaríamos de ressaltar alguns pontos que a revisão bibliográfica colocou em evidência, assim como questões que, pelo recorte de nossa proposta, foram apenas tangenciadas ou surgiram durante a investigação e não puderam ser satisfatoriamente exploradas.

Em primeiro lugar, os efeitos observados nas intervenções nos mostram o quanto importante é a oferta de dispositivos de escuta nas instituições escolares. Tanto para os professores quanto para os estudantes, mas certamente também para outros membros da comunidade escolar. Constata-se como a escuta orientada pela ética do desejo e da singularidade tem o efeito de produção de um saber singular por parte do sujeito. Em nosso

contexto social, em que as instituições subordinam-se ao discurso médico-pedagógico e não oferecem lugar para a singularidade, o dispositivo de escuta guiado pela ética da psicanálise permite que professores e estudantes autorizem-se como sujeitos, construindo o próprio saber e se deslocando da posição em que são colocados pelo Outro institucional, qual seja, como objetos de um processo educacional. Esta operação, como observamos, passa pela desidentificação com os significantes vindos do campo do Outro ao qual estão alienados, e que designam um modo de atuação específico para os sujeitos. Ao considerarmos a adolescência como uma construção subjetiva ao real da puberdade, ressaltamos a importância de propiciar espaços para a palavra aos adolescentes, para que eles possam narrar e subjetivar a própria experiência, construindo um tratamento simbólico para o real da puberdade. Em relação aos professores, foi destacada, como um efeito importante da oferta da palavra, a emergência do desejo de ensinar a partir de novas vias do fazer educativo.

A predominância do tema da adolescência nos artigos despertou-nos uma série de questionamentos: Será a adolescência um problema para a escola, especialmente na forma como esta se estrutura hoje? O real pulsional da puberdade teria um efeito disruptivo nos modelos escolares sustentados por uma lógica universal, segregativa, apoiada na aplicação de protocolos rígidos para a obtenção de resultados? Nessa lógica capitalista individualista, os adolescentes se queixam de não serem escutados. A oferta de espaços para a palavra aos adolescentes tem efeitos subjetivos importantes, com implicações no laço social e no desejo de saber.

No entanto, não se pode desconhecer as resistências ao trabalho do psicanalista na instituição. A escola pode lançar mão de medidas que impedem ou prejudicam o andamento dos projetos. Diante desta situação, faz-se necessário um manejo desses impasses, buscando garantir que a palavra possa circular e ser escutada dentro do grupo.

Entre as questões que merecem investigação futura, está a reflexão sobre os impasses encontrados pelo psicanalista que é funcionário da própria instituição escolar. Encontramos artigos que exploravam esta temática, mas infelizmente não os abordamos porque não se adequaram ao recorte realizado. Embora algumas das intervenções trazidas tenham sido pensadas e colocadas em prática em colaboração com a equipe escolar, incluindo psicólogos, acreditamos que a posição do psicanalista que trabalha dentro da escola é muito diferente daquela do que é de fora e nela organiza uma intervenção. Supomos que as pressões institucionais e a contratransferência devem possuir maior peso na oferta da escuta, sendo importante a realização de pesquisas sobre o tema a partir da Lei nº 13.935 (Brasil, 2019) mencionada ao início.

Outra questão que despertou o nosso interesse está relacionada aos desafios de se escutar a singularidade no espaço coletivo. Apesar de os dispositivos se darem de forma coletiva, os efeitos de saber que produzem ocorrem de forma singular – podendo ser compartilhados. No entanto, há situações em que questões muito íntimas são trazidas pelos participantes e devem ser tratadas de forma particular. Assegurar esse cuidado, preservando os sujeitos, não é uma tarefa fácil e coloca diversos desafios ao psicanalista.

Por último, apontamos a necessidade de pesquisas que se ocupem de intervenções que acontecem de forma virtual. Em nosso trabalho, encontramos somente um artigo desse tipo (Souza & Archangelo, 2022), mas que

não discutia as particularidades do meio digital. Acreditamos que a internet nos oferece novas possibilidades – que podem e devem ser exploradas, por fazerem parte do cotidiano de todos nós – mas do mesmo modo nos demanda esforços para assegurar o sigilo dos participantes assim como o bom uso das tecnologias.

## Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 32(spe), 44–65. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Antunes, M. A. M. (2014). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. 5<sup>a</sup> ed. EDUC.
- Archangelo, A., Luz, T. M. R., Campanaro, C. R., & Rodrigues, I. A. (2021). Sentimento de Pertencimento e Desenvolvimento da Moralidade na Escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, Artigo e372115. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e372115>
- Arreguy, M. E., & Coutinho, L. G. (2015). Considerações sobre os afetos e violências no espaço escolar: conversações com professores. *Educação em Revista*, 31(3), 279–298. <https://doi.org/10.1590/0102-4698132854>
- Brasil. (2019). *Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm)
- Costa, B. H. R. da, & Medeiros, C. P. de. (2018). Demanda diagnóstica na escola: entre querer-o-bem-do-sujeito e a escuta analítica. *Estilos da Clínica*, 23(3), 590–610. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i3p590-610>
- Costa, L. C. R., Gabriel, I. M., Oliveira, W. A. de, Hortense, P., Dicastillo, O. L., & Carlos, D. M. (2021). NON-SUICIDAL SELF-INJURY EXPERIENCES FOR ADOLESCENTS WHO SELF-INJURED - CONTRIBUTIONS OF WINNICOTT'S PSYCHOANALYTIC THEORY. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 30, Artigo e20190382. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0382>
- Ferraz, I. R. L. (2021). Orientação educacional com psicanálise: um lugar de escuta em tempos de escola remota. *Estilos Da Clínica*, 26(1), 29–43. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p29-43>
- Freud, S. (2022). A análise finita e a infinita (1937). Em C. Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 315–364). Autêntica.
- Gurski, R., Barros, J. F., & Strzykalski, S. (2019). O Enlace entre Psicanálise, Educação, Cinema e a Experiência Adolescente. *Educação & Realidade*, 44(2), Artigo e85002. <https://doi.org/10.1590/2175-623685002>
- Gurski, R., & Strzykalski, S. (2018). A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção?. *Tempo psicanalítico*, 50(1), 72–98. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382018000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100005&lng=pt&tlng=pt)
- Jucá, V. J. de S. (2020). Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública. *Estilos da Clínica*, 25(3), 394–406. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i3p394-406>
- Lima, N. L. de, Araújo, R. S. de, Souza, E. P. de, Dias, A. F. G., Barbosa, C. A., Alves, R. G. S., Nihari, K. M., & Marchi, N. S. B. (2015a). Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares. *Educação & Realidade*, 40(4), 1103–1125. <https://doi.org/10.1590/2175-623645088>.

- Lima, N. L. de, Barcelos, N. S., Berni, J. T., Casula, K. de A., Ferreira, L. P. M., Figueiredo, E. R. F., Maciel, K. N., Nunes, M. C. F., & Otoni, M. S. (2015b). Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. *Estilos da Clínica*, 20(3), 421–440. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440>
- Lima, N. L. de, Berni, J. T., & Dias, V. C. (Orgs.). (2019a). *A escola navega na web: que onda é essa?*. Crivo.
- Lima, N. L. de, Berni, J. T., & Teixeira, L. H. de C. (2019b). Adolescentes, escola e segregação: o papel do professor. Em Lima, N. L. de, Berni, J. T., & Dias, V. C. (Orgs.). *A escola navega na web: que onda é essa?* (pp. 173–184). Crivo.
- Lisita, H. G. & Kelles, N. F. (2019). Afinal, o que os adolescentes querem saber?. Em Lima, N. L. de, Berni, J. T., & Dias, V. C. (Orgs.). *A escola navega na web: que onda é essa?* (pp. 143–156). Crivo.
- Martins, M. F., Almeida, M. L., Quagliatto, T. M., Albuquerque Júnior, A. J. de, Mendes, R. de C. C. da S., & Paravidini, J. L. L. (2021). A Redução da Idade de Responsabilidade Criminal na Perspectiva de Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe4), Artigo e217551. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003217551>
- Miranda, C. E. S. (2020). Psicanálise aplicada à educação e formação de professores: a conversação como método de pesquisa intervenção. Em Voltolini, R. & Gurski, R. (Orgs.). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 149–177). Editora Contracorrente.
- Musatti-Braga, A. P., & Rosa, M. D. (2018). Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar. *Psicologia Em Estudo*, 23, Artigo e2315. <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZhGG5PXhym9ZBwms7CyGYcw/?lang=pt>
- Pereira, M. P. (2020). A psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. Em Voltolini, R. & Gurski, R. (Orgs.). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 45–61). Editora Contracorrente.
- Poli, M. C., & Faissol, K. R. (2016). Adolescentes com Arte (e psicanálise): projetos escolares. *Educação & Realidade*, 41(3), 833–851. <https://doi.org/10.1590/2175-623651152>
- Primo, J. S., Rosa, M. D., & Carmo-Huerta, V. (2021). Adolescentes, Professores e Psicanalistas: uma intervenção clínicopolítica. *Educação & Realidade*, 46(1), Artigo e109175. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109175>
- Rocha, E. V. da. (2020). Transferência, desejo e ato em um caso de inclusão escolar. *Estilos da Clínica*, 25(3), 534–551. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i3p534-551>
- Rocha, L. P., & Lima, M. C. P. (2021). A Juventude En-Cena na Escola: a educação no encontro com a cidade. *Educação & Realidade*, 46(1), Artigo e109163. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109163>.
- Rosa, M. D. (2020). Prefácio. Em Voltolini, R. & Gurski, R. (Orgs.). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 19–25). Editora Contracorrente.
- Santos, E. A. dos, Pulino, L. H. C. Z., & Ribeiro, B. S. (2021). Psicologia escolar e automutilação na adolescência: relato de uma intervenção. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, Artigo e225761. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021225761>
- Scherer, L. C. B. & Carneiro, C. (2020). Mal-estar na escola e a apostila docente: encontros e desencontros. Em Voltolini, R. & Gurski, R. (Orgs.). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 133–147). Editora Contracorrente.

Silva Júnior, L. C. C. da, Alves, T. T., Coutinho, L. G., & Carneiro, C. (2021). Infância e ideais na palavra de educadores: entre a criança-sujeito e a criança-objeto. *Fractal: Revista De Psicologia*, 33(2), 126–136.  
<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i2/5977>

Silva, M. da R., Medeiros, C. B. de, Arrosi, K. E., & Ferrari, A. G. (2021). "QUE BOM QUE ELE HAVIA ESTRANHADO": CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA IRDI. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, Artigo e226338.  
<https://doi.org/10.1590/2175-35392021226338>

Souza, S., & Archangelo, A. (2022). Diagnóstico Ético-Político (DEP): um dos modos de diagnosticar as singularidades nas práticas coletivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 25(3), 52–59. <https://doi.org/10.1590/1809-44142022003002>